

Prosa & Verso I

*o outro*

## FICHA TÉCNICA

### **Título**

*Prosa & Verso I — o outro*

### **Edição**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
*Politécnico de Leiria*

### **Coordenação**

Paula Cristina Ferreira  
Cristina Nobre

### **Capa e Projeto Gráfico**

Rui Lobo

### **ISBN**

978-989-8797-37-7

### **Depósito Legal**

463319/19

### **Impressão e Acabamento**

Relgráfica, artes gráficas, Lda

### **Tiragem**

500 exemplares

—

Novembro 2019

*Leiria*

# Prosa & Verso I

*o outro*

## ÍNDICE

### 09 **Prefácio**

#### **Textos em Prosa**

##### **ESCALÃO 1 – ESTUDANTES**

- 11 Amor pelas Cordas – Susana Lima
- 30 O Capuchinho Amarelo – Ana Cardoso Henriques
- 34 A Insanidade que nos criou – Adriana Silva

##### **ESCALÃO 2 – PESSOAL DOCENTE**

- 36 O menino de olhar triste – Luísa Pimentel

#### **Textos em Verso**

##### **ESCALÃO 1 – ESTUDANTES**

- 42 O outro lado da vida – Daniela Henriques
- 44 Nada – Ricardo Castelo
- 46 Reflexão – Ricardo Castelo
- 47 O Outro – Alexandra Albuquerque
- 49 O Outro (horizonte) – Daniela Henriques

##### **ESCALÃO 3 – PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO**

- 50 O Outro Lado... – André Fonseca
- 53 O Outro Portugal... – André Fonseca

Em qualquer aventura  
O que importa é partir, não é chegar.

Miguel Torga  
*"Câmara Ardente"*

## Prefácio

O conjunto de textos agora publicados corresponde à materialização das manifestações estético-literárias a concurso resultantes da 1ª edição do Prémio de Escrita “Prosa & Verso” da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Politécnico de Leiria.

O Prémio, constituído por dois géneros literários – o narrativo e o lírico, tem como fundamentos a partilha, inclusiva, colaborativa e participativa, de boas práticas de escrita e leitura na comunidade académica, promovendo a literacia e a fruição estética-literária.

Participaram, no traçado das rotas de abertura deste Prémio, de um modo vivo e apaixonante, Paula Cristina Ferreira e Cristina Nobre, professoras do Departamento de Línguas e Literaturas, cuja generosidade e empenho cumpre assinalar e agradecer.

Cumpre igualmente expressar a minha gratidão a cada uma das pessoas que integrou o júri desta 1ª. edição, por terem aceite, com entusiasmo e coração aberto, trilhar connosco este caminho integrando a desafiante tarefa à qual presidi.

Agradeço aos Serviços da ESECS por ajudarem a tornar possível este projeto, em particular, ao Rui Lobo do Centro de Recursos Multimédia, pela composição gráfica.

Um enorme bem-haja aos estudantes, colaboradores técnicos, administrativos e docentes, pela participação, autoria e partilha dos textos a concurso.

Desta colaboração resultou a conclusão da primeira etapa de uma grande viagem, que se espera ter continuidade e capacidade de contágio a outras comunidades.

Sandrina Milhano  
Diretora da ESECS

## PROSA

de  
m  
m  
ou  
pa  
qu  
do  
  
kte  
to  
aju  
va  
con  
vez  
add  
algu  
na d

## ESCALÃO 1 — ESTUDANTES

### Amor pelas Cordas

Susana Lima (1.º Prémio)

#### Capítulo I

*“Põe toda a tua alma nisso, toca da maneira como sentes a música!”*

Frédéric Chopin

Tudo começou com a morte de Viktor Almeida, um pianista de meia-idade, casado com Débora Lima, uma florista um pouco mais nova que ele, com quem teve uma filha chamada Tatiana, de momento já com 22 anos. Quando Viktor não tinha que ensaiar ou escrever partituras para novos concertos, chamava a sua filha para o estúdio para tocarem os dois, ele no piano e ela no violino, que começou a tocar desde tenra idade, provavelmente por nutrir do mesmo amor pela música que o pai.

No entanto, no último mês isso não acontecera porque Viktor tinha andado bastante ocupado a planear um novo concerto em que iria apresentar novas músicas, não tendo tempo para ajudar nas tarefas de casa ou para tocar com Tatiana. Viktor ficava quase sempre fechado no estúdio a tocar, esquecendo-se de comer, tendo que ser a filha a levar-lhe a comida ao estúdio; às vezes Viktor até se esquecia que tinha que dormir o que o levava a adormecer em cima das teclas do piano, quase sempre agarrado a alguma partitura. Normalmente quando isto acontecia era Tatiana que lhe levava uma manta e o tapava o melhor que conseguia

sem o acordar... ela sabia que a sua mãe não era a favor destes acontecimentos, por alguma razão Débora parecia ter ciúmes do piano ou do amor pela música que Viktor tinha, pela maneira como olhava para ele, abanando a cabeça de um lado para o outro com um olhar de quem, se pudesse, atiraria o piano pela varanda abaixo. Tatiana, vendo, naquele mês, a frequência com que o pai adormecia em cima das teclas do piano, levou para o estúdio uma grossa manta turquesa, que mais parecia um cobertor, e uma almofada às riscas com vários tons de laranja, que quase valia por duas, esperando que assim o pai usasse o divã que estava a poucos metros do piano, o que felizmente, e para bem das costas de Viktor e para as teclas do piano, aconteceu logo a partir daquele dia.

O estúdio não passava de uma divisão retangular, com duas enormes janelas que davam acesso a uma varanda e uma porta de entrada ao centro da parede paralela à da janela, com duas portas brancas que faziam lembrar aquela tipologia de salão nos palácios. Ao entrar no estúdio a primeira coisa que se via era um espelho entre as duas janelas, na zona central da divisão estava o piano de cauda preto recebendo a luz da janela que o fazia brilhar devido ao acabamento de verniz, e à direita uma mesa para quatro pessoas de madeira castanha escura, de design reto e com ar robusto e resistente, por baixo da mesa um tapete preto muito felpudo que fazia lembrar o pelo de um urso e em cima da mesa apenas um suporte de canetas cilíndrico roxo, com canetas de ponta fina de várias cores, uma lapiseira dourada com as respetivas recargas ao lado e uma borracha em forma de caneta que Viktor adorava porque com ela poderia apagar apenas a nota que estava errada sem apagar todas as outras à sua volta. Na parede paralela às janelas, estavam os quadros dos compositores favoritos de Viktor,

e alguns que Tatiana tinha pedido para meter também para servirem de inspiração quando tocava violino; embora o estúdio fosse do pai, ele não se importava de o partilhar com Tatiana quando não precisasse de realmente ficar sozinho. À direita estava uma estante em madeira ao estilo das que se encontram nas bibliotecas antigas, que tapava toda a superfície da parede, estando esta cheia de finos livros de partituras de Debussy, Paganini, Vivaldi, Tchaikovsky, Delibes, Grieg, Mozart, Rachmaninoff, Bach, Chopin, entre outros, alguns de Viktor, outros de Tatiana, como era no caso da maioria dos livros de Vivaldi, Paganini e Mozart...olhar para aquela estante era como olhar para uma paisagem infinita e libertadora do oceano, podíamos quase sentir a presença dos compositores ali, o que nos dava a garra necessária para não desistir mesmo quando as coisas corressem mal, parecia que o espírito deles estava presente para nos apoiar e que tudo era possível. No outro extremo do estúdio, estava uma cortina cinzenta grossa, que tapava toda a parede, que Viktor tinha colocado para melhorar a acústica; e à frente desta estava o famoso divã *bordeaux* de quatro pessoas e em cima deste duas pequenas almofadas brancas que apenas serviam para decoração; Viktor raramente usava o divã, apenas o usava para fazer uma sesta caso estivesse com um bloqueio criativo, na esperança de ter inspiração nalgum sonho.

O estúdio estava sempre arrumado e limpo, no entanto quando as alturas dos concertos chegavam, o que se via mais eram partituras pelo chão, em cima do piano e em cima da mesa, o que nos levaria a questionar se algum tornado teria entrado ali. Tendo em conta a situação atual de mal poder sair do estúdio para ajudar no que quer que fosse, Viktor decidiu contratar uma empregada, uma senhora já com ar de avó, mas que tinha uma energia e for-

ça de adolescente mesmo não sendo corpulenta, chamada Jéssica Lavínea, que iria ficar em casa de Viktor, todos os dias, das sete horas da manhã até às sete horas da noite, para cozinhar, limpar e fazer outras tarefas que fossem precisas. Ao início, Débora não achou que fosse preciso, mas passado uma semana percebeu que realmente a presença de Jéssica deixava tudo mais fácil, tanto Viktor como Débora como Tatiana podiam ocupar-se com as suas coisas sem terem que chegar a casa e ainda terem que cozinhar e limpar. Nos dias que se passaram, Jéssica levava comida a Viktor enquanto Tatiana não chegava a casa, mas não falava muito quando entrava no estúdio, limitava-se a arrumar a casa e a cozinhar enquanto ouvia Viktor a tocar piano; sempre que entrava no estúdio para lhe deixar comida, podia ver no seu rosto o cansaço, mas ao mesmo tempo a felicidade quando estava em frente ao piano.

Quando chegou o dia do concerto de Viktor, tudo estava a correr como planeado, a plateia silenciosamente observando sentada nos seus lugares enquanto os holofotes iluminavam o palco. Tatiana e Débora estavam na primeira fila como sempre, nunca perdiam um concerto de Viktor, e até mesmo Jéssica lá estava, sentada ao lado de Tatiana a observar com olhos que podiam penetrar a alma de Viktor. Enquanto Viktor tocava, Tatiana observava de olhos muito abertos, de lágrima no canto do olho e sem nunca desviar o olhar, enquanto que Débora quase que adormecia sentada. Passado uma hora o concerto acaba, ouve-se a plateia a levantar-se dos seus lugares enquanto aplaudem respeitosa-mente como que num ato de agradecimento pelo tempo que ali passaram. Viktor dirige-se para a frente do palco, ficando mesmo à borda deste, fazendo uma vénia enquanto a plateia continua a aplaudir. Tatiana como sempre olhava para o pai com olhar de

admiração, eram raras as vezes em que não chorava quando o ouvia tocar num palco, Tatiana era sempre a primeira a começar a aplaudir e a última a parar de o fazer; desta vez os aplausos tinham durado mais do que o usual, suponhamos nós que pelo talento de Viktor no piano e pelas esplendorosas músicas que compunha; depois de todo aquele mês a dedicar-se ao máximo só podia ser assim mesmo. Apesar do cansaço evidente no final do concerto, com pingas de suor a caírem pelo rosto, Viktor sorria sempre, normalmente olhava para Tatiana que, se pudesse, subia ao palco para o abraçar, e como não o podia fazer, assim que Viktor saía de cena, Tatiana corria para o abraçar, ainda a chorar e dizendo-lhe sempre que as músicas que tinha composto eram as melhores que tinha feito até aquele dia.

Desta vez isto não aconteceu, Viktor estava a fazer a sua vénia na borda do palco como costuma fazer, a plateia a aplaudir como sempre, quando subitamente vemos Viktor caindo para a frente como que a mergulhar para dentro de água... nesse instante os aplausos foram interrompidos pela surpresa. O único som que se ouviu a seguir foi o som do corpo de Viktor a bater no chão, de uma altura de dois metros; a plateia estava sem reação, Tatiana ao ver o seu pai a mergulhar desamparado correu para junto dele, Débora ainda em choque foi calmamente para junto dos dois, Jéssica olhava de longe como se nada a afetasse, apenas assistindo a tudo o que se passava. Enquanto Tatiana tentava acordar o seu pai, Jéssica chamou uma ambulância poucos segundos depois, que só chegaria ao local passado 10 minutos; enquanto isso a sala era evacuada ficando apenas a família com a empregada e os responsáveis pelo teatro.

Assim que a ambulância chegou, foi concluído que, depois

daquela queda provocada possivelmente por um desmaio devido ao cansaço, Viktor teria então batido com a cabeça perdendo a vida... nada se podia fazer... assistíamos assim à queda de um pianista adorado por todos. Débora estava em choque sentada no banco mais próximo com Jéssica ao seu lado a tentar ajudá-la a não se desmoronar a chorar. Tatiana que ali estava, ao lado do seu pai, a tentar agora conter as lágrimas, nada pôde fazer a não ser ver o seu pai, o seu ídolo, a desaparecer em frente aos seus olhos. O corpo de Viktor foi então levado para a morgue enquanto Jéssica levava Tatiana e Débora para casa no seu carro.

As duas tinham então chegado a casa por volta das vinte e três horas, Jéssica tinha-se oferecido para, no dia seguinte, tratar das papeladas necessárias para o funeral, para que Débora e Tatiana passassem a fase de luto sem preocupações desnecessárias. Débora, que não conseguia dormir, foi procurar, com a ajuda de Tatiana, toda a documentação para entregar a Jéssica na manhã seguinte; quando já tinha tudo o que precisava, Débora foi deitar-se na tentativa de dormir alguma coisa enquanto Tatiana preferiu ficar fechada no estúdio. Assim que entrou no estúdio, engoliu em seco e as lágrimas começaram a cair-lhe pelo rosto enquanto olhava para o piano e se lembrava da primeira vez que tinha visto o seu pai a tocar, *Clair de Lune* de Debussy era a música que o seu pai tocava naquele dia com um sorriso no rosto e que Tatiana, com 5 anos, observava com olhos muito abertos como se nada mais importasse; aproximou-se do piano e sentou-se no banco olhando fixamente para as teclas, lembrando-se da sua primeira aula de piano, que o seu pai lhe tinha dado, em que ela tentava adivinhar as notas. As lágrimas começaram então a cair em cima das teclas, que Tatiana rapidamente limpou; respirou fundo ain-

da com uma respiração trémula, limpou as lágrimas e começou a tocar *Nocturne in E-flat major Op. 9 No. 2* de Chopin; a música podia ouvir-se no quarto de Débora, que começou a chorar de imediato.

Quando Tatiana parou de tocar, pegou na manta e na almofada que tinha trazido naquele mês para o seu pai e meteu-se debaixo do piano, onde adormeceu. Nessa noite Tatiana sonhou com as memórias que tinha de seu pai, em que ele lhe ensinava o que sabia sobre música e os jogos que faziam os dois no piano, bem como as aulas de violino que Tatiana tinha começado a ter aos 10 anos, dadas também pelo seu pai.

## Capítulo II

*“O homem que evita e teme a tudo, não enfrenta coisa alguma, torna-se um covarde.”*

Aristóteles

No dia seguinte, como combinado, Jéssica foi às sete horas para casa de Débora para preparar o pequeno-almoço e adiantar algumas limpezas, e por volta das nove horas, quando já Tatiana estava acordada, devido aos fortes raios de sol que entravam pela janela do estúdio, Jéssica saiu para tratar das papeladas, voltando às doze horas já com tudo resolvido e com o funeral planeado. Os dois dias seguintes foram definitivamente os mais complicados... nenhuma música se ouvia a sair do estúdio, Tatiana não voltou a tocar mais no piano ou no violino, passou o primeiro dia no estúdio a olhar para as partituras e os quadros, pouco falava; no

segundo dia decidiu sair de casa e dar um passeio até ao rio que havia não muito longe de sua casa, passando uma tarde inteira a olhar imóvel para a água, quando o sol se começou a pôr foi para casa como que anestesiada, arrastando-se sem força nas pernas para andar, o que era normal visto que desde o acontecimento que mal comia. Quando chegou a casa, perto das vinte e uma horas, encontrou a sua mãe e Jéssica, as duas na sala, sentadas no sofá, a falar sobre os detalhes do funeral e que este seria no dia seguinte às quinze horas; assim que percebeu que era esse o tema, Tatiana foi buscar o jantar, *pizza* de queijo, fiambre, cogumelos e azeitonas, que era a sua favorita, e enfiou-se no estúdio novamente; durante aqueles dois dias Jéssica saiu mais tarde porque quis ficar a dar algum apoio emocional a Débora, que ficava fechada no quarto, deitada na cama a olhar para o teto, ou na sala a ver televisão mas sem realmente estar a ver o que era transmitido. Naqueles dias Tatiana dormiu debaixo do piano, talvez por ser onde se sentia melhor, onde podia sentir alguma conexão com o pai e onde tudo fazia sentido. Mesmo não se ouvindo música pela casa, a mente de Tatiana nunca era silenciosa, ouvia-se sempre alguma das músicas que Viktor tocava ou que ela tocava no violino, quando isso acontecia Tatiana fechava os olhos e abanava subtilmente a cabeça ao ritmo da música, como se fosse ela que estivesse a tocar.

O dia do funeral chegou, Tatiana como costumava vestir-se de preto diariamente não sentiu muita diferença, ao contrário de Débora que normalmente andava com roupas de cores vivas. Estavam todos reunidos ao lado do corpo de Viktor, Débora a tentar não chorar, porém em vão, Tatiana a andar de um lado para o outro no meio do jardim ao lado da igreja onde estava o corpo,

sem derramar uma única lágrima; Tatiana não gostava daquele espetáculo todo que havia nos funerais, preferia ficar sozinha com os seus pensamentos. As pessoas foram chegando e acumulando-se dentro da igreja e fora desta, algumas pessoas vieram ter com Tatiana para lhe perguntar se estava bem e dizer que podia chorar, mas Tatiana respondia apenas “*Sim estou bem, só não gosto de estar lá dentro com tanta gente*” e “*Não me apetece chorar*”.

O corpo foi depois levado para o cemitério para ser enterrado, a campa era a 404, tudo estava pronto para enterrar o corpo de Viktor, Débora permanecia agarrada a Jéssica a chorar, ouvia-se o soluçar do choro de algumas pessoas, Tatiana afastada da multidão observava o caixão a ser descido por cordas e depois enterrado. Quando todos foram embora, Tatiana avisou a mãe que já ia para casa, indo assim Jéssica com Débora para casa sozinhas; quando estava finalmente sozinha à frente da campa, pousou a mala do violino no chão, tirou o violino e começou a tocar *SUMMER Concerto No.2 in g, Op.8 (Presto)* de Vivaldi, Tatiana meteu toda a frustração e inquietude naquela música como se estivesse a perguntar à música o porquê de tudo aquilo ter acontecido, ao ponto de quase partir uma das cordas. No fim de tocar, arrumou o violino e foi para casa, encontrando a sua mãe na sala a falar com Jéssica dizendo que já não iria precisar dos seus serviços; depois disso Jéssica recebeu o seu pagamento, despediu-se e saiu dizendo “*Se precisarem de alguma coisa, não hesitem em contactar-me*”. Os dias foram passando, Tatiana voltou a dormir no seu quarto como fazia antes, Débora continuava a trabalhar esperando que a sua filha chegasse da universidade para a ajudar na loja, agora que eram só elas duas tinham que se ajudar uma à outra.

Certo dia, Tatiana chega a casa, já um pouco fora de horas,

porque tinha ficado a fazer um trabalho com os colegas de turma, e entra no estúdio como normalmente faz quando quer tocar um bocado ou fazer algum trabalho, e depara-se com a ausência do piano, o que a faz correr para junto da sua mãe, que estava na sala a ver televisão.

— Mãe! O piano do pai desapareceu! Fomos assaltadas!? O que se passou!? Onde está!? – Gritava Tatiana em pânico meio que a tremer.

— Não, fui só eu que o vendi. Calma. – Dizia Débora tranquilamente.

— Como pudeste fazer uma coisa dessas!? Porque não me disseste nada antes!? – Perguntava Tatiana em desespero já com lágrimas no canto dos olhos.

— Oh achei que era melhor não te preocupar com estas coisas, por isso é que não disse nada. – Justificava Débora enquanto olhava para a televisão e mudava de canal.

— Estás a gozar comigo, certo? Eu já tenho 22 anos! Eu sei tomar as minhas decisões! O piano era do pai! Foi o primeiro piano que toquei, ele de certa maneira também era meu! Tu sabes o quanto adorava aquele piano! – Continuava Tatiana já em lágrimas.

Débora não lhe respondeu, continuou a olhar para a televisão como se nada se passasse; Tatiana foi então para o estúdio tentar perceber se faltava mais alguma coisa; começou por ver as partituras, que felizmente estavam todas nos seus lugares, os quadros também estavam todos no seu sítio; tudo estava igual tirando o piano; foi então que se lembrou que tinha deixado o seu violino no seu quarto em cima da cama, porque nesse dia não iria pre-

cisar de o levar com ela. Quando entrou no quarto e olhou para cima da cama sentiu um aperto no peito, procurou pelo quarto pensando que poderia ter deixado o violino noutro sítio, mas não o encontrava em lado nenhum, correu para a sala novamente, desta vez já ofegante, como se estivesse a ter um ataque de pânico.

— Onde está o meu violino? — Perguntou com um tom zangado.

— É assim Tatiana, para teu bem eu decidi vender o piano do teu pai e o teu violino, achei que ouvir música desses instrumentos só iria piorar o nosso estado. — Explicou a mãe, com um tom pouco convincente.

— O violino era meu! Foi o pai que me ofereceu! Não tinhas o direito de o vender! Porque é que fizeste isso?! — Perguntava Tatiana aos gritos, andando pela sala de um lado para o outro, tentando acalmar-se.

— Eu já te expliquei, Tatiana! — Dizia Débora com um tom de voz de quem já estava farta da conversa.

— Não! Tem que haver outra razão! Tomaste essa decisão sem me perguntar nada! E eu?! E o que eu acho ou sinto?! Não importa, não?! — Continuava Tatiana, desta vez agarrada a uma almofada que apertava com toda a força que podia, provavelmente para não partir nada do que estava na sala.

— Eu fiz isto para o teu bem! — Grita Débora levantando-se do sofá.

— Como assim para o meu bem!? — Pergunta Tatiana aproximando-se zangada da mãe e atirando a almofada com força para o sofá.

— Entende Tatiana, o teu pai só morreu porque não soube quando parar. Não vês que és tal e qual como o teu pai?! Ias aca-

bar por fazer o mesmo e ter o mesmo fim. – Explica Débora como que a pedir que Tatiana entenda o seu lado.

— Lá porque aconteceu com o pai não quer dizer que aconteça o mesmo comigo! – Dizia Tatiana enquanto saía da sala a chorar, frustrada por não poder tocar nenhum instrumento para a ajudar enfrentar o que se estava a passar.

Nos dias seguintes Tatiana não dirigiu uma única palavra a Débora mesmo quando esta lhe falava, passava os dias fechada no estúdio depois de sair da escola, ou ia dar longos passeios; sempre que Tatiana saía de casa, fechava o estúdio e o seu quarto à chave para se assegurar que Débora não mexia em mais nada. Com o passar dos dias, Tatiana começava a ficar mais stressada e impaciente porque estava habituada a tocar todos os dias, o que agora sem violino ou piano era impossível; decidiu então falar com um dos seus professores de música, contar-lhe o que se tinha passado e pedir se podia ficar mais algum tempo na sala de aula para poder tocar mais um bocado, o que felizmente foi possível porque a escola estava aberta até às vinte e três horas. Com a autorização do professor, Tatiana podia ficar até tarde na escola para poder tocar, sentia-se sempre mais leve quando tocava, mas sabia que tinha que arranjar um instrumento só para si, o que não seria fácil visto que não trabalhava e de certeza que a sua mãe não lhe ia comprar um novo violino ou o que quer que fosse relacionado com música.

Alguns dias se passaram, Tatiana estava a tocar *Nobody Knows the Trouble I've Seen Op 12, No 1* de Clarence Cameron White, com um dos violinos da escola, numa das salas de aula, completamente sozinha e imersa na música, quando de repente, o seu pro-

fessor bate à porta e entra; ele sabia que Tatiana estaria naquela sala a tocar visto que foi ele mesmo que deu a autorização para ela lá estar; perguntou-lhe se sabia quem tinha comprado os instrumentos que a mãe tinha vendido, Tatiana disse que não sabia, e o seu professor deu-lhe a ideia de tentar descobrir e falar com a pessoa, contar-lhe a situação toda na tentativa de reaver os instrumentos. Tatiana pensou que descobrir quem tinha comprado os instrumentos fosse algo fácil se a mãe soubesse, só teria que falar com ela; mas a parte de reaver os instrumentos parecia-lhe quase ou totalmente impossível... e tinha muitas dúvidas que a mãe cooperasse. Quando Tatiana chegou a casa, já por volta das vinte e duas horas, não quis falar com Débora porque ainda não tinha um discurso preparado, por isso pegou na manta e na almofada que dava ao seu pai quando estava no estúdio e ficou durante um tempo a andar de um lado para o outro no estúdio a pensar o que poderia dizer; o cansaço fê-la deitar-se no divã, onde acabou por adormecer passado uns minutos.

### Capítulo III

*“Sem a música, a vida seria um erro.”*

Friedrich Nietzsche

Na manhã seguinte, Tatiana foi ter com Débora, que se encontrava como sempre na sala, sentada no sofá a ver televisão, para lhe perguntar a quem tinha vendido os instrumentos.

— Bom dia – Disse Tatiana com um tom de voz ainda zanga-

do e sem virar o rosto para a mãe.

— Bom dia! Finalmente decidiste falar depois de tanto tempo sem me dirigires a palavra! — Disse Débora com um tom de quem já sabia que Tatiana ia ceder e voltar a falar rapidamente.

— Não fiques com ideias! Só vim falar contigo para te perguntar a quem vendeste os instrumentos! — Exclamava Tatiana vivamente, levantando a mão ao nível da cabeça, para dar a entender que não queria andar com rodeios.

— E porque queres saber? — Perguntou Débora com um tom de voz de quem queria saber o porquê daquela pergunta, mas não tinha intenção de dizer quem tinha comprado.

— Porque não tinhas o direito de os vender! Eles eram meus e do pai! Eu quero reavê-los! — Dizia Tatiana zangada quase a gritar.

— Mesmo que os queiras reaver não te posso ajudar, eles foram leiloados. — Dizia Débora com um tom pouco interessado no assunto.

— Ok, então vou falar com as pessoas do leilão e perguntar quem ficou com os instrumentos! — Continuava Tatiana, com uma atitude de quem já tinha perdido toda a esperança nas boas intenções da mãe.

Quando Tatiana virou as costas à sua mãe, para se ir embora e se fechar novamente no estúdio, Débora diz, suspirando:

— Só sei que foi uma mulher... mais nada.

Tatiana olha para a sua mãe com um ar de surpresa, pensando que talvez a mãe tivesse percebido que as atitudes que estava a ter, só a estavam a magoar mais; no entanto não lhe respondeu de volta, virou costas, continuou a andar e fechando-se assim

no estúdio. Depois de almoçar, Tatiana foi falar com as pessoas que estavam encarregues do leilão para saber quem tinha comprado os instrumentos e como podia entrar em contacto com a compradora; infelizmente as informações não podiam ser dadas a Tatiana porque eram confidenciais. De volta a casa, entrou na sala e disse à sua mãe:

— Espero que estejas contente... não me deram as informações sobre a pessoa.

— Porque haveria de estar contente? – Perguntou Débora com um leve sorriso.

— E ainda estás a sorrir com isto?! A sério tu não existes! Só pensas em ti! – Exclamava Tatiana indignada com a atitude da mãe.

— Em mim?! Eu fiz isto por ti! – Contestava Débora.

— Eu não te pedi nada! Nunca quis que vendesses os instrumentos! – Argumentava Tatiana irritada.

— Foi para o teu bem! Já te disse que ias acabar como o teu pai! – Explicava Débora enquanto mudava de canal rapidamente, com o comando da televisão que tinha na mão.

— Sim ia! Acabava feliz! A fazer o que gostava! Tens noção que a música para mim é como o ar?! Preciso disso para viver! – Gritava Tatiana olhando para a mãe na esperança que esta olhasse para ela de volta.

— A música não é assim tão importante, não exageres! – Dizia Débora com um tom de voz de quem achava, o que ouvira, completamente absurdo.

— Para ti não, disso tenho eu certeza! – Exclamava Tatiana irritada.

— Não quero saber, eu fiz isto para teu bem! – Continuava Débora, desta vez olhando para Tatiana, quase a gritar.

— Meu bem? Ou para teu bem?! Tens medo que me aconteça

o mesmo que aconteceu ao pai, isso eu já percebi! Mas mesmo assim! – Gritava Tatiana enquanto olhava Débora nos olhos na tentativa que ela percebesse o quão mal estava a fazer à própria filha.

— Mesmo assim o quê?! – Perguntava Débora confusa.

— Prefiro viver e morrer a fazer o que mais gosto! Não me interessa se vou acabar como o pai! Pelo menos vou saber que fiz da minha vida o que queria! Pelo menos serei feliz! Mas isso tu nunca vais entender... não sentes a música como eu sinto... nem mesmo o teu gosto pelas flores é intenso. Falta-te paixão pelo que fazes! Coisa que o pai tinha e que eu também tenho! E não vais ser tu, ou outra pessoa, a impedir-me de fazer o que gosto! A música é a minha vida, quer tu queiras quer não! – Continuava Tatiana quase a chorar.

Débora ficou calada durante uns segundos, olhou para a filha, que estava parada no mesmo lugar à espera que a mãe dissesse algo, e começa a chorar apercebendo-se que não teve a melhor atitude, querer controlar tudo à sua volta só estava a piorar; aproximou-se de Tatiana, abraçou-a e disse, com as lágrimas a cair pelo rosto:

— Desculpa... eu não te quero perder também. Deixei o meu medo falar mais alto e acabei por fazer coisas que não devia.

Débora respirou fundo e continuou:

— Se quiseres amanhã podemos ir ter as duas com as pessoas do leilão e pedir-lhes que nos deem as informações... podemos tentar pelo menos... pode ser que comigo lá eles sejam menos rigorosos no que toca a regras.

Depois destas palavras, Tatiana olhou para a mãe e percebeu que ela realmente tinha aprendido e que mostrava intenções de

mudar, mesmo sabendo que a mãe continuava com medo do que se pudesse passar depois. Naquela noite Tatiana tinha voltado a dormir no estúdio, o clima em casa estava menos pesado, parecia que tudo estava a melhorar embora faltasse a música a ressoar pela casa. Podia ver-se no rosto de Tatiana a determinação e esperança de reaver os instrumentos, ela não queria desistir, os instrumentos tinham demasiado significado para ela, não podia desistir de os reaver, pelo menos não tão facilmente.

Na manhã seguinte, Tatiana, que tinha ficado a dormir no divã do estúdio, acordou com os raios de sol que eram refletidos no seu rosto; ainda meio a dormir, desviou-se para a direita, e por instantes teve a sensação de ter visto algo preto à sua frente, como pensava que estava a imaginar coisas voltou a dormir, no entanto algo na sua mente lhe dizia para abrir os olhos e foi o que fez. Viu imediatamente à sua frente o piano do seu pai, exatamente no mesmo sítio de sempre. Ao vê-lo, Tatiana, surpreendida, saltou do divã e aproximou-se dele, tocou a primeira parte da música *Dance of the Sugar-Plum Fairy* de Tchaikovsky no piano para ter certeza que não estava a ter uma ilusão ou a sonhar. Assim que se apercebeu que não estava a sonhar, foi a correr para o quarto de Débora, que tinha acordado com o som do piano e já estava de pé a vestir o seu roupão, pronta para ver o que se passava; assim que as duas se encontraram no meio do corredor, Tatiana disse a sorrir:

— O piano do pai está no estúdio! Acordei, olhei para o lado e ele estava lá!

— Como é que isso é possível? — Perguntava Débora confusa e incrédula.

— Não sei... mas está lá! — Exclamava Tatiana sem se importar

com pequenos detalhes, como por exemplo, ela não ter acordado a meio da noite se alguém o tivesse metido novamente dentro de casa, ainda por cima com a janela fechada por dentro.

— Sim acredito... eu acordei com o som dele! E o teu violino?  
— continuava Débora ainda meio a dormir a tentar perceber o que se passava.

— Não sei... assim que vi que era o piano do pai vim para aqui a correr... nem reparei se estava por ali o meu violino. — Disse Tatiana rapidamente passando a mão na cabeça tentando-se lembrar de algum detalhe que lhe tivesse escapado por causa do sono.

— Então do que estamos à espera?! Vamos ver se está no estúdio! — Dizia Débora sem compreender porque ainda ali estavam as duas a falar.

Foram então as duas em marcha rápida para o estúdio; quando entraram, viram o violino em cima do divã, com os raios de sol a incidir nele e a refletirem luz de tom alaranjado no divã. Tatiana que já estava a chorar de felicidade, chorou ainda mais ao vê-lo; aproximou-se dele, ajoelhou-se, e disse, abraçando-o:

— Que saudades que eu tinha... não voltes a fazer-me uma coisa destas...

— Então? Toca alguma coisa para ver se está tudo bem com ele! — Disse Débora, sorrindo e fazendo um movimento de mãos na direção dela para ela avançar e tocar.

Tatiana limpou as lágrimas, certificou-se que o violino estava afinado e o arco bem arqueado e começou a tocar *La campanella* — *Concerto No.2 in B minor, Op. 7, MS 48* — *Rondo à la clochette* de Paganini. Podia ver-se, na expressão de Tatiana, a paz e a ale-

gria que sentia por estar a tocar novamente com o seu violino, enquanto a luz que era refletida no violino iluminava o estúdio num sublime jogo de luzes; Débora olhava pela primeira vez para ela com orgulho e com um sorriso no rosto; parecia que finalmente tudo estava a ir no caminho certo. O som ecoava por toda a casa, as divisões enchiam-se de cor e de vida enquanto Tatiana tocava; o ar era como que purificado, a luz parecia entrar mais facilmente em casa como se todo o ambiente anterior estivesse a servir de barreira, parecia finalmente uma casa de amantes de música.

Quando Tatiana acabou de tocar, reparou que estava um bilhete em cima da mesa, o que a fez aproximar, com Débora ao seu lado, curiosa também; abriu então o bilhete e nele estava escrito: "Agora sim, os meus serviços já não são mais necessários."

## O Capuchinho Amarelo

Ana Cardoso Henriques (2.º Prémio)

Levantei-me cedo, era dia de visitá-la. Preparei a cesta, abri o guarda-roupa e tirei a capa amarela. Fazia tempo que não vestia a vermelha, tinha passado de moda. O amarelo era a tendência para a estação estival. Não perdi tempo: encomendei-a no showroom. E hoje era o dia de a vestir. Fui ver-me ao espelho.

Sempre que me olho ao espelho reconheço a diferença no meu ser. Mesmo quando a aparência física insiste em aproximar-me do meu semelhante – por qualquer traço (aparentemente) idêntico –, o que continuo a ver é algo ímpar. A cada dia espero da vida a recompensa – por esta singularidade. Quero que me dê asas para voar nas alturas – mas sem nunca abandonar a gaiola. Quero ser maior – sem nunca sair da minha pequenez. Quero ser outro – sem deixar de ser eu, quero ser mais. Quero o que não sei se quero – paradoxo? –, porque o que eu quero é ser feliz, e isso é o que o espelho já me diz.

Embrenhada em filosofias, fui chamada à realidade pela voz estridente da mãe:

— Capuchinho!! A que horas estás a pensar sair? Daqui a pouco já se põe a noite...

— Que exagero, mãe, vou já – ainda agora a manhã despertou!!

— Leva o telemóvel, na floresta todo o cuidado é pouco: não há muita rede e não deves ter acesso ao GPS... liga-me assim que chegues, não vá o lobo mau fazer-te mal!

A caminho, já no meio da floresta, por entre os arvoredos, eis que surge uma sombra que, com voz meio tímida meio acanhada,

me tentou assustar:

— Uuuuh... sou o lobo mau!

Com ar sorridente e despreocupado aproximei-me:

— Tu não tens os olhos grandes!

— Tenho, tenho...

— Tu não tens uma boca grande!

— Tenho, tenho...

— Tu nem tens as mãos grandes!

— Mas tenho umas orelhas, um rabo e umas unhas bem afiadas! Cheguei mais perto – arranquei-lhe as unhas, tirei-lhe o rabo e as orelhas: era tudo postiço!

Aterrorizado o cordeirinho gritou:

— Não me comas, não me comas!

— Já não existem lobos como antigamente! – respondi desiludida – Além do mais não como carne, ando a fazer dieta, só legumes e peixe fresco. Se engordo, excluem-me da história!

O cordeirinho, mais recomposto do susto, disse espantado:

— Também tu? Também tu Capuchinho Amarelo, andas agora com essa mania dos regimes alimentares, das dietas e dos nutricionistas? Conheces a Branca?...

E sem o deixar terminar:

— A Branca... A Branca de Neve? Sim, conheço!

— E não sabes da novidade? Pois parece que já não é branca!

— Como soubeste disso?

— Vi no Facebook! Postou que estava cansada da vida de cortejada passada no palácio e pediu ao príncipe para irem de férias. Antes da viagem marcou várias sessões no solário: não suportava mais a alvura do seu corpo, queria um bronzeado perfeito! Vi uma foto no Instagram, ficou fantástica: até lhe pus um *like*! E da Cinde-

rela, não ouviste dizer? Pôs o palácio à venda e pediu o divórcio ao príncipe.

— O melhor é criarmos um grupo no *WhatsApp*, adiciona o Pinóquio.

— O Pinóquio?

Tinha pressa, a outra esperava-me. Mas queria saber mais cusquices da floresta:

— O Pinóquio, sim, aquele menino de madeira, com o nariz grande que cresce sempre que diz uma mentira...

— Grande? Tu não sabes? Ele já não tem o nariz grande! Rendeu-se aos encantos da cirurgia plástica!

— Fez bem, muito bem... vivemos no mundo da falsidade, onde a mentira é rainha, seria injusto crescer-lhe só a ele o nariz! Sabes, cordeirinho, costumava passar de leve pela vida, sem pressas, sem medos, sem sobressaltos. Entregava-me a todo e qualquer projeto (mediocre ou promissor) sempre com a mesma garra e determinação. Não deixava nada pela metade (viver por viver que fosse tudo por inteiro). Sempre dei aos outros o melhor de mim (esperando em troca o melhor dos outros). Esperar dos outros? Ingenuidade pura. De quem (senão de nós mesmos) podemos esperar o melhor?

— Capuchinho, nem todos são como descreves, ainda há gente boa por aí...

— Pois, pois, ainda há pouco eras um lobo mau! Cordeirinho, chega de ser anjo!

A alvura das asas que a Capuchinho carregava nas costas deu lugar a negros e robustos cornos, que lhe crescem agora na frente. A sua boca enche-se de dentes finos e afilados (para morder sem que se dê conta); dos dedos sobressaem-lhe unhas acutilan-

tes, prontas para ferir (sem que se note) e a cauda, imóvel, segue inteiriça, envergando na ponta a forma de uma seta – pronta a disparar contra o alvo.

— Credo, Capuchinho, o perigoso predador nesta história sou eu! Já não reconheces o teu papel nesta fábula? Tu és a menina cândida e singela, que faz lembrar o sol com essa capa amarela!

— É preferível ser-se diabo neste inferno de mundo! – não tive piedade. Ataqueei o cordeirinho.

Já estava atrasada e ainda queria ver se encontrava a Alice, queria perguntar-lhe se existe mesmo o País das Maravilhas...

Prosegui o meu caminho, em breve chegaria ao destino. Tinha perdido demasiado tempo com aquele cordeiro – acelerei o passo. Algo me voltaria a deter o rumo: a casa do vale, misteriosa e aterradora! Sempre tivera curiosidade em visitá-la. Já me via junto à porta – rodei a maçaneta: estava trancada! Voltei costas, disposta a retomar o meu percurso. Mas o ranger da porta fez com que me voltasse: estava aberta. Corri para o seu interior, ávida por conhecê-lo. Era a outra: morava ali!

Não me lembro de mais nada: de onde estou avisto uma mancha vermelha no chão do salão, sobre a qual repousa um corpo inerte.

## A Insanidade que nos criou

Adriana Silva (3.º Prémio)

Quem criou a loucura da Humanidade? Quem acendeu esta centelha flamejante que pisca nas nossas cabeças? Quem te quis mal? Quem me quis mal?

Dizem que ser louco é bom. Ser diferente é uma dádiva. Quem é louco não tem razão, logo não se rege pelas leis da sociedade, logo não se importa... logo não sente. Não sofre. Não quer saber. Não compreende a lógica e não quer ser compreendido.

O caos é a mente do louco e é a chacota que o acompanha diariamente. Porque ser louco é ser palhaço. É rir quando se quer chorar. É desejar o que não se deve desejar. É ser livre dos outros, mas prisioneiro de de si próprio. É brincar com o destino, porque a morte é insignificante comparada à vida. Por isso, um louco é, sim, uma piada ambulante que é mais triste do que qualquer outra piada.

Quem é diferente é alvo de pena e outras emoções que escondem os medos mais profundos dos viventes em comunidade. Ser diferente é ser leproso – ninguém quer ser contagiado pela diferença –, então, ninguém quer ser diferente. Porque ser diferente é difícil. É preciso quebrar as barreiras de milhares de gerações. É preciso alterar o nosso código de ADN. É preciso corromper mais uma vez a mente corrompida para a purificar de volta ao estado bruto em que ela nasceu. Por isso, ser diferente é, sim, uma luta contra a própria natureza.

Ninguém escolhe ser louco e ninguém escolhe ser diferente. Cada um carrega a sua cruz. Isso nasce connosco, desenvolve-se dentro de

nós como cancro e tira a nossa sanidade... a nossa segurança.

Quem diria que eu sou louca? Todos sabem que sou diferente, pois o outro não se ousa aproximar de mim. Mas a loucura, eu escondia-a com uma capa fria de racionalidade, para me proteger. E assim eu finjo que sou igual ao outro. E, assim, eu afasto-me cada vez mais da possibilidade de compreensão.

Mas, também, quem diria que o outro é louco?

## ESCALÃO 2 – PESSOAL DOCENTE

## O Menino de Olhar Triste

Luísa Pimentel (1.º Prémio)

A lágrima teimava em saltar, mas Henrique não podia mostrar tal fraqueza, isso só iria piorar a sua situação. A surpresa perante a crueldade dos colegas e o medo do que lhe pudessem fazer levaram-no a correr, talvez fugir, para a casa de banho dos rapazes. Sentado na sanita desejou ser tudo o que não era e a teimosa lágrima caiu. Atrás dela vieram muitas outras e um desejo intenso de ter um colo onde pousar a cabeça.

A entrada para a nova escola tinha acontecido há poucos dias e, desde aí, a tranquilidade que marcava os dias do primeiro ciclo, entre os amigos de sempre, na pacata aldeia, tinha acabado. Os almoços em casa da avó, cheios de iguarias apetitosas e gulodices bem ao seu gosto, deram lugar às filas da cantina, que pareciam intermináveis. E eram, pois os mais velhos empurravam-no e metiam-se à sua frente.

— Ó gordo chega-te lá para trás!

— Olha que o menino vai chorar! Vai ter com a mamã!

Só a muito custo, lá para o final da hora de almoço, conseguia comer aquela mistela tão diferente dos petiscos da avó.

Aqueles comentários não eram completamente novos para o Henrique. Os colegas do primeiro ciclo também se metiam com ele, mas a ingenuidade transformava tudo numa brincadeira e a

amizade levava-os a correrem juntos e a ignorarem que o Henrique corria um pouco mais devagar.

Quando nasceu, parecia uma bolinha. “- Tão lindo!!” pensou a mãe. A preocupação da perfeição, que acompanha todas as mães, manifestou-se de imediato. Aparentemente estava tudo no lugar: os cinco dedos em cada mão, os cinco dedos em cada pé! Todos gostavam de pegar naquele bebé rechonchudo e coradinho. De imediato a avó identificou a cara do pai. O tempo acabaria por provar que tinha razão. Depois das primeiras horas de euforia, o pai, talvez um pouco mais atento às questões da “masculinidade”, resolveu olhar para a zona genital. Foi com alguma apreensão que percebeu que havia algo estranho. Depois de uma conversa com o pediatra ficaram a saber que o Henrique tinha criptorquidia, um nome complicado que significava que os testículos não estavam no seu lugar. Seriam necessários tratamentos médicos e talvez algumas cirurgias para estimular o seu desenvolvimento e para os conduzir para uma posição saudável.

Os anos que se seguiram trouxeram as visitas ao médico e a administração de medicamentos para controlar o seu desenvolvimento hormonal. Mas vieram também as tentativas de dieta, pois a obesidade foi-se tornando esteticamente desagradável aos olhos dos que o rodeavam. Como se de uma culpa se tratasse, era criticado por ser gordo. É certo que era guloso, mas as constantes ofertas de doces pelos avós, vizinhos ou amigos não lhe facilitavam a vida.

A prima Carlota tinha uma certa simpatia pelo Henrique. A tristeza no olhar do pequeno rapazinho causava-lhe alguma inquietação. Sempre que o encontrava, os seus olhos iam colados ao

chão e só se levantavam para um tímido “olá”.

Aquela tristeza não lhe era estranha, por vezes, encontrava-a na face do seu filho. Quando o Afonso nasceu tudo estava no lugar, menos os testículos. Depois de quatro cirurgias, vividas de forma traumática, chegou-se à conclusão que o melhor era esperar pela puberdade. Talvez nessa fase tudo se regularizasse.

Afonso era um menino simpático, com sentido de humor, que sabia cativar os que o rodeavam. Talvez por isso a sua “diferença” não fosse tão notada como a de Henrique. Mas as crianças, por vezes, surpreendem-nos com a sua capacidade de magoar os que são diferentes. Era nesses momentos que Carlota começava a dar conta dos silêncios de Afonso. Eram necessárias muitas tentativas, muitas conversas ao deitar, para que as lágrimas finalmente irrompessem e as mágoas fossem confessadas.

— Então, Afonso, o que se passa?

— Não é nada.

— Não é nada?! Mas estás tão tristonho, quase não falas connosco.

— Mas, não é nada.

— Pronto, filho, até amanhã.

O beijo na face concluía aquele diálogo e abria caminho para a próxima tentativa. No dia seguinte, Carlota voltava a sentar-se à beira da cama e de forma serena procurava inspirar a confiança necessária para que o diálogo brotasse. Depois de alguma resistência, Afonso derramava as suas lágrimas e falava das suas preocupações. Muitas delas estavam relacionadas com as cirurgias, com a ausência de resultados visíveis, com os comentários que isso provocava entre os amigos. Não era fácil para o Afonso ou para os familiares que o rodeavam e que o amavam, mas a mãe e o pai procuravam ensinar-lhe que todos os meninos são diferen-

tes e que essas diferenças não os tornam melhores ou piores, só diferentes. Apesar das suas fragilidades, o Afonso mostrava ter a força suficiente para suportar estas contrariedades. Crescia como qualquer menino saudável, sempre rodeado de amigos, muitas vezes aceite como líder, interessado na escola e no desporto. Por detrás de tudo isto, a segurança de que, se a qualquer momento algo corresse mal, a mãe, o pai ou os avós estariam lá para o ouvir e para o ajudar a encontrar os caminhos no meio da encruzilhada. Por tudo isto, Carlota percebia os anseios do Henrique, conhecia os seus dilemas e as suas inseguranças.

Era no balneário dos rapazes que se passavam os piores momentos do dia. Momentos humilhantes, que Henrique procurava evitar, recusando fazer ginástica, dizendo não ser capaz. Mas os adultos nem sempre são sensíveis ao que lhes parece serem as manias de meninos mimados. Talvez já se tenham esquecido da sua meninice...

O uso de uns calções de banho surgiu como um mal menor perante as graçolas dos colegas. Mas este indício de fraqueza não passou despercebido e, uma vez mais, os comentários fizeram-se ouvir. Henrique não percebia que os outros miúdos procuram esconder as suas fragilidades, destacando as fragilidades dos outros.

Naquele momento, a estratégia era ridicularizar o novato e esconder as suas inseguranças atrás da arrogância.

Os dias foram passando e outros meninos diferentes foram aparecendo como alvo de chacota. As risadas e os comentários depreciativos eram menos frequentes, mas o olhar de Henrique continuava triste. Eram poucos os amigos verdadeiros, aqueles que não se importavam com o seu aspeto e que estavam sempre

prontos para a brincadeira. Fechado no quarto, refugiava-se nos jogos de computador, onde podia representar o papel de herói.

Os pais não sabiam o que fazer. O frequente recurso ao pediatra, ao nutricionista ou ao endocrinologista revelava-se infrutífero. Talvez a prima Carlota pudesse ajudar, ou, pelo menos, confortar um pouco. O Afonso tinha já alcançado a fase da puberdade e as mudanças permitiam que, finalmente, se sentisse um rapazinho igual aos outros. Estavam aliviados, pois começavam a perceber que tudo iria correr bem.

Carlota partilhou a sua experiência, recomendou paciência e uma boa dose de afeto para entender as angústias do Henrique e para o ajudar a olhar para si próprio como um menino com a força necessária para superar as dificuldades. Pediu para conversar a sós com ele, pois queria olhar os seus olhos tristes.

Com o seu tímido “olá”, Henrique convidou a prima a entrar e a sentar-se na sua cama, enquanto jogava um barulhento jogo de Fórmula 1.

— Vejo que gostas de corridas de automóveis! – disse Carlota.

Pela primeira vez, Henrique olhou Carlota de frente. O seu rosto iluminou-se e com um sorriso cheio de esperança disse:

— Quando eu for grande, quero ser piloto de Fórmula 1!

VERS0

ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

O outro lado da vida

Daniela Henriques (*1.º Prémio*)

Ainda hoje tento perceber por qual foi a porta que passaste,  
Qual foi a que arrombaste...

A minha casa era já um monte de ruínas  
As janelas estavam estilhaçadas  
As portas partidas  
E o fogo rodeava todas as entradas

Eu não via uma única saída  
Eu não tinha um único movimento que me levasse à casa de partida.

Dos estilhaços aos assombros  
Do desespero ao desejo de morte

Ainda hoje não sei...

Talvez tivesse sido Deus  
Talvez tivesse sido a sorte  
Ou talvez tivesse sido apenas a vida a dar-me o outro lado.

O lado de quem sorri depois da dor  
O lado de quem vive quando encontra o amor

E foi nesse outro lado que as ruínas se ergueram  
que as paredes voltaram a ter cor  
que houve um novo ponto de partida  
nesta casa, onde juntos colocámos um letreiro a dizer  
"O outro lado da vida".

## Nada

Ricardo Castelo (2.º Prémio)

Não te espantes, minha vida,  
O tempo muda, mas não cura a ferida.  
Sonhei ser grande, levei a minha avante,  
Sonhei com álcool e dinheiro,  
O golpe for certo.  
Sou herdeiro de um desgosto,  
O mal está disposto na minha cama,  
Sem o controlo dos meus dedos, sem os dedos sobre a dama,  
No tabuleiro está o sangrar das minhas cicatrizes.  
Farto do piso, farto de atrizes,  
Entrei num mundo equidistante.  
Apercebi-me que por detrás de uma amante,  
Está um homem desgastado.  
Abri os olhos de olhar para mim.  
Nunca me teria sentido assim,  
Se de ti não tivesse visto tanto.  
Tanto quanto sei, o Homem é um animal social.  
Embora tenha atitudes ordinárias, pareça irracional,  
É apenas a busca por aceitação.  
Na página de uma mansão por comprar,  
No sonho de tentar encontrar a foice para tudo cortar,  
Eu vi todas as almas penadas.  
As pessoas, todas enganadas,  
Esganadas de fome, o mal tudo consome.  
Tentei mudar o dominus do mundo,

Não fui o primeiro nem o segundo.  
Caí no ralo, bati no fundo,  
Triturei o que faltava do meu esqueleto,  
Tornei-me matéria, um gás obsoleto.  
Sem talento, sem vitória, contei a minha história,  
Como só alguns me conheciam.  
Enquanto todos me enalteciam,  
Eu nunca quis esse reconhecimento.  
Queria conhecimento, queria paz,  
Mas parei e espreitei para trás.  
Milhões de cabeças mudas,  
Milhões de pessoas surdas,  
Não me quiseram ouvir.  
Tantos corações partidos,  
Tantas emoções em copos desmedidos.  
Agora respiro porque volto,  
Um retorno e tudo sopro.  
Apercebi-me quando fiquei sozinho,  
Que não sou ninguém,  
Se ninguém tiver no meu caminho.  
Por isso, peço-vos a todos que fiquem um bocadinho,  
O meu coração bate sossegadinho,  
O ego era enorme.  
Digamos, conforme fiz de mim solitário,  
Percebi que não sou ser unitário,  
E todo o meu imaginário de vitória como um só  
Deu um nó no meu estômago, decisão tomada:  
Sem o Outro, não sou nada.

## Reflexão

Ricardo Castelo (2.º Prémio)

Vi o Outro  
 E sonhei com ele.  
 Com outro olhar  
 Eu vi o Outro olhar.  
 Sonhei que ia perder o medo,  
 Tão cedo não quis dizê-lo.  
 Conhecê-lo é já bênção,  
 Pedir mais seria exploração.  
 O meu coração aposenta milhões de outros,  
 Eu tento que o mundo ame todos,  
 Como consequência amo os outros  
 E não aqueles que devia amar.  
 Agora digam-me,  
 É assim tão errado desejar?  
 Como quem vai pregar aos santos,  
 Eu rezo por uns quantos,  
 Porque as pessoas têm valor.  
 A amizade é calor,  
 A solidão é simples dor.  
 Então, na amizade e no amor,  
 Não vale o Outro pelo seu exterior  
 E ainda mais por todo o seu interior?

## O Outro

Alexandra Albuquerque (3.º Prémio)

Era exuberante a magnitude com que todos se moviam,  
entre um e outro, entre aquela encruzilhada de gente.  
Eram horas de regressar,  
a breve e angustiante hora.  
O que não dava a minha alma por mais um breve passeio pelo rio.  
Eram horas de regressar,  
o que o meu corpo dava para voltar atrás,  
Eram horas de regressar e o meu coração apertava.  
Chegou, estava na hora!  
Um pequeno degrau, um angustiante peso no meu corpo,  
o que não dava eu para voltar a ter umas pernas velozes.  
Eram horas, o meu corpo pesava,  
o que não dava eu para voltar com o tempo para trás.  
Era a minha vez, e o pequeno degrau ali estava,  
o que não dava eu para voltar a ser jovem.  
Devagar subia,  
um jovem delicadamente colocou a mão em torno do meu braço,  
E disse "o que dava eu para ter a sua idade".  
Rimos os dois, subimos para aquele lugar perplexo de almas.  
E ele gentilmente se deslocou, cedendo-me passagem.  
E entre as almas penduradas sentei-me naquele vazio.  
E ele encarou-me com aqueles olhos cheios de alegria, falamos,  
durante todo o percurso trocámos gentis palavras.  
E ouvi o nome da minha paragem, tinha chegado,  
e ele também tinha chegado,

colocou novamente a mão em torno do meu braço, caminhamos, descemos o pequeno degrau, e ele despediu-se. Voltou para a paragem, tinha saído apenas para ajudar-me, eram horas, tinha regressado a casa, e o meu corpo vacilava, quem me dera a mim ter sido um dia uma jovem tão atenciosa como este jovem tinha sido para mim.

## O Outro (horizonte)

Daniela Henriques (*Menção Honrosa*)

*Numa linha reta que curvou  
Num risco de cor que se borratou...*

Há do lado de lá um mar imenso  
Com raios de sol que brilham recordações  
Há um mar cheio de segredos onde para sempre te pertença  
E ondas que entrelaçam os nossos corações

Há no fundo do mar promessas caducadas  
Com rimas que rimavam com amor  
Frases de poemas mal acabadas  
Onde o poeta não era fingidor, sentia mesmo a dor

Há juras que nunca irão jurar  
Com gestos que não se irão fazer  
Da história nada fica por contar  
Nem mesmo o fim do livro por escrever...

Porque a linha reta curvou para o lado certo  
E o lápis que borratou uma nova cor acabou por pintar  
Fica nos versos a despedida do mar aberto  
De duas almas sem mais história para poetar

*Fica o brilho das lembranças  
Em seres de renovadas esperanças.*

ESCALÃO 3 – PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

O Outro Lado...

André Fonseca (1.º Prémio)

Uma mulher vergada ao peso da própria cruz,  
Ao limiar da vida chega hesitante...  
Naquele olhar, outrora repleto de luz,  
Nada mais resta senão um vazio desconcertante.

O alívio definitivo da morte,  
Pacientemente à espera do outro lado,  
É, para ela, um apelo demasiado forte,  
Impossível de ser contrariado...

As pernas trémulas quase que cedem  
Quando sentem o fim da linha iminente,  
Mas as memórias que a perseguem  
Impelem-na cada vez mais para a frente!

Do marido que lhe costumava bater,  
Com o qual partilhou cama e teto  
E de quem, de forma submissa se limitou a ser,  
Depósito de esperma sem direito a afeto...

Do filho que perdeu de vez  
Naquela curva onde agora vai deixar flores...  
O que daria para poder abraçar uma última vez  
O maior de todos os seus amores...

Na fronteira da vida, onde começa a morte,  
Jaz o revólver, sereno e perfeito,  
A estender-lhe o convite para tomar as rédeas da sua sorte  
E acabar de vez com a dor que lhe dilacera o peito!

Avança para a arma confiante.  
A vertigem do perigo faz o seu coração disparar!  
Mas a ideia de pôr fim à vida é menos angustiante  
Do que a inevitabilidade de a ter de enfrentar...

Decidida a empreender a derradeira viagem,  
Beija pela última vez a fotografia do filho  
E, enchendo o peito de coragem,  
Respira fundo e... prime o gatilho!

Bang...

Tudo está sereno...  
Apenas os seus pensamentos ecoam na escuridão...  
“Ter-me-ei libertado das amarras do mundo terreno?”  
A dor lancinante que cresce, diz-lhe que não...

As lágrimas lavam-lhe a face ensanguentada,  
É trágico o fim que se avizinha...  
De repente, sente uma urgência inesperada  
De se agarrar à vida que definha!

Uma forma humana começa a ganhar contorno,  
Era a do homem que a estava a socorrer.  
No dia em que iniciou uma viagem sem retorno,  
Esta mulher teve oportunidade de renascer!

Só mais tarde haveria de descobrir  
Que a mesma vida que foi tão madrasta no passado  
Lhe daria novamente motivos para sorrir  
Ao lado do homem que encontrou o seu corpo inanimado...

## O outro Portugal...

André Fonseca (*Menção Honrosa*)

Vem descobrir este país à beira-mar plantado,  
Vem explorar a nova meca do turismo.  
Temos argumentos de sobra para te deixar deslumbrado,  
Aqui não há campos de refugiados nem terrorismo!  
*(Mas não te detenhas para além da paisagem,  
Não repares no desânimo instalado.  
Não guardes na memória a imagem  
Do nosso semblante carregado.)*

Somos um dos destinos mais apetecíveis do momento,  
Já viste os galardões com que fomos distinguidos?  
*(Mas não olhes para os rankings de desenvolvimento,  
Compatíveis com os de países subdesenvolvidos...)*

Vem desfrutar do nosso “Allgarve”,  
Do nosso sol e do peixe assado!  
*(Mas desvia o olhar da construção desordenada e alarve  
Que floresce um pouco por todo o lado...)*

Vem conhecer o centro histórico bem preservado,  
Contemplar a beleza do património edificado.  
As ruas de pedras feitas à mão encerram histórias,  
São fiéis depositárias de longínquas memórias!  
Na calçada que o tempo deixou luzidia  
Podes ver o modo de vida das gentes locais,

E há tantas oportunidades de fotografia

Que vais fazer furor nas redes sociais!

*(Quer dizer... Agora as pessoas não moram cá mais...*

*A maior parte teve de “fugir” para os arredores*

*Em busca de rendas menores.*

*Agora contam-se pelos dedos de uma mão*

*Os poucos que resistiram à especulação*

*E que agora veem proliferar como cogumelos oportunistas*

*“Hostel’s” e “Airbnb’s” para acolherem turistas!)*

Somos o destino preferido da elite

Que se delicia a ouvir o nosso fado.

Acolhemos todos os anos a Web Summit,

E o Zuckerberg sai de cá maravilhado!

Somos o derradeiro paraíso para o comum dos mortais,

Com uma qualidade de vida sem paralelo algum!

*(Se até a esquisita da Madonna assentou cá arraiais*

*É porque serve para qualquer um!)*

Vem e poderás conhecer um povo nobre e destemido

Descendente de antigos navegadores

Que em frágeis caravelas se lançaram ao desconhecido

Dobrando cabos e enfrentando Adamastores!

Com uma diáspora de que nos podemos orgulhar,

Ainda hoje os Portugueses partem ao sabor do vento...

*(Mas já não é a quimera dos descobrimentos que trazem no olhar,*

*Apenas a necessidade de garantir o tão ambicionado sustento.*

*Sem sítio onde os seus sonhos possam despontar*

*Abandonam este país num triste lamento...)*

Temos um país de jovens criativos,  
Plenos de ideias a fervilhar,  
Que oferecem valor a preços competitivos  
E que todas as empresas sonham contratar!

*(Talvez seja inoportuno e escusado*

*Estar-te também a contar*

*Que atrás das serras vivem meninos que guardam gado*

*E que nunca viram o mar...)*

Nós inventámos o CR7,

Temos nos genes o arquétipo do jogador perfeito,

Com abdominais esculpidos em forma de tablete

E que grita “Siiiiiiiiiiiiim” de peito feito!

E temos também “Ronaldo” para além do futebol.

O Centeno, ou “CR7 das finanças” como é conhecido,

Discursa em Bruxelas com o nosso cachecol

E o público aplaude, rendido!

*(Mas consta que perdeu o pio*

*Ao ler o relatório da auditoria à Caixa Geral.*

*Dizem que ficou com o mesmo olhar pateta e vazio*

*Que o busto do Ronaldo no aeroporto do Funchal!)*

Temos um país tão belo para te vend... mostrar!

Um país que a todos apaixonava.

Vem rápido, há que aproveitar,

Os voos da Ryanair estão ao preço da uva mijona!

Mais do que um país que sabe receber,  
Oferecemos-te uma experiência sensorial.

Vem daí, não há tempo a perder,

Vem desfrutar do nosso Portugal!

*(Mas não ouses lançar um olhar mais minucioso,*

*Deixa-te ficar pelas sugestões do guia de viagem.*

*Não olhes para o país real que se arrasta vagaroso*

*E no qual o progresso ainda é uma miragem...)*

E no final espero ouvir-te dizer:

“Portugal é fixe!”

*(E o outro Portugal que nunca irás conhecer?*

*Bem, esse outro... Que se lixe!)*